Brasil: o perigoso "passo à frente" de Bolsonaro

Editorial

Apesar de um número de mortes cada vez maior, o presidente brasileiro continua a afirmar, sem hesitar, que o coronavírus é uma "gripe" ou uma "histeria" nascida da "imaginação" da mídia.

Publicado em 18 de maio de 2020 às 11:31 - Atualizado em 19 de maio de 2020 às 21:37 Hora da leitura 2 min.

Há, sem dúvida, algo podre no reino do Brasil, onde o presidente, Jair Bolsonaro, pode afirmar sem hesitar que o coronavírus é uma "gripe" ou uma "histeria" nascida da "imaginação" da mídia. Há algo de errado, quando dá um passeio, insta as autoridades locais a abandonarem as restrições e afirma que a epidemia "começa a desaparecer", enquanto os cemitérios do país estão a registar um número recorde de enterros. Quando o seu ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, defende o "comunavírus", afirmando que a pandemia é o resultado de uma conspiração comunista. Quando o Ministro da Saúde Nelson Teich se demitiu em 15 de maio, quatro semanas após a sua nomeação para esta pasta crucial, por "divergências de opinião", num dia em que o país tinha 240 000 casos confirmados e mais de 16 000 mortes.

Para muitos, o momento sombrio que o Brasil atravessa, agora a quinta nação mais afetada pela pandemia, faz lembrar a da ditadura militar, quando o país estava sujeito ao medo e à arbitrariedade. Com uma grande diferença: enquanto os generais afirmavam defender uma democracia atacada, segundo eles, pelo comunismo, o Brasil de Bolsonaro habita um mundo paralelo, um teatro do absurdo onde os factos e a realidade já não existem. Neste universo tenso, alimentado por calúnias, inconsistências e provocações venenosas, a opinião polariza-se sobre um amontoado de ideias simples, mas falsas.

A negação mantida pelo governo dissuade metade da população de se resguardar, enquanto os apelos ao distanciamento físico por parte dos profissionais de saúde, governadores e autarcas são apenas moderadamente atendidos. "A atividade económica deve continuar a todo o custo", diz Bolsonaro, que se esforça, sobretudo, por avaliar (dimensionar?) a pandemia fazendo um cálculo político insensato: os efeitos devastadores da crise serão atribuídos aos seus opositores, espera ele.

Caos sanitário

Um oficial subalterno excluído do exército e um obscuro deputado de extrema-direita, ridicularizado pelos seus pares durante três décadas, Bolsonaro não foi um estadista. Quando chegou ao poder, roído pelo ressentimento e pela nostalgia declinante (antiga, obsoleta), o ex-capitão da reserva nunca deixou de sonhar com um "ataque (carga) contra o sistema", (por

ele) odiado. Uma postura que, em tempos de pandemia aguda, provoca o caos sanitário e semeia a morte.

Ao negar os fatos, os governantes populistas acabam por acreditar nas suas próprias mentiras. Vemos isso em outras partes do mundo. Mas aqui, num país que emergiu da ditadura há apenas trinta e cinco anos, onde a democracia continua frágil, e até disfuncional, politizar uma crise sanitária, desta forma, é totalmente irresponsável.

Com uma base de 25% de eleitores, Bolsonaro sabe que tem pouca margem de manobra. Atualmente, algumas pessoas admitem existir um cenário favorável para um golpe institucional. Diante da multidão que o veio apoiá-lo, em Brasília, o Presidente deixou claro no dia 3 de maio que, se o Supremo Tribunal o investigasse ou aos seus familiares, ele não respeitaria a decisão dos juízes. Depois de praticar o negacionismo histórico, vangloriar-se da ditadura, negar a existência dos incêndios na Amazónia e a gravidade da pandemia de Covid-19, Bolsonaro e a sua tentação autoritária arriscam conduzir o país a um perigoso e precipitado futuro. (a ideia aqui é a do "passo maior que as pernas")